

## **PLENARY PANEL FOUR: Marlene Kadar and the Next Generation**

1. Ozlem Ezer, U of California at Berkeley [[ozlemezer@berkeley.edu](mailto:ozlemezer@berkeley.edu)]

Unmaking of a Narrative Landscape: Life Writing with Refugees

My paper presents the process of a cross-genre life writing inspired by Marlene Kadar's work. I argue that life writing serves best for my book on Syrian women refugee narratives collected in North America as a dynamic and productive literary form because it provides me the textual freedom for experimenting with interviewer's self-inscription and representation along with the narrators' without ascribing a hierarchical role or structure. I have used the term "oral history" to describe my work in response to meet the standards of mainstream and discipline-oriented academia and grant applications; however, I also refer to it as "documentary literary prose" to which life writing serves as an umbrella term. Among the refugee representations I aim to challenge through my writing are of victimized, vulnerable, subordinate Syrian women.

“Desconstrução de uma paisagem narrativa: escrita da vida e refugiadas”

Meu artigo apresenta o processo de escrita de uma biografia de gênero híbrido inspirada na obra de Marlene Kadar. Argumento que a forma mais apropriada para meu livro sobre as narrativas de refugiadas sírias na América do Norte é a escrita da vida, uma forma literária dinâmica e produtiva que me dá a liberdade textual necessária para fazer experiências com a autoinscrição e a representação das entrevistadas e narradoras, sem que para isso sejam atribuídos papéis ou uma estrutura hierárquica. Descrevo meu trabalho como “história oral” para atender aos padrões da academia tradicional, disciplinar, e dos requerimentos de bolsa; porém também me refiro a ele como “prosa literário-documental”, um termo específico para “escrita da vida”. Entre as representações que procuro desafiar com meu livro estão as de mulheres sírias vitimizadas, vulneráveis e submissas.

[Traduzido por Beatriz Vital - [vitalb@riseup.net](mailto:vitalb@riseup.net)]

Ozlem Ezer obtained her BA in English Language and Literature at Bogazici University, Istanbul; MA in Women's Studies at Middle East Technical University, Ankara; PhD in Gender, Sexuality and Women's Studies at York University (Canada), post-doctoral studies at GEXcel – Centre for Gender Excellence in Linköping University (Sweden). She is currently a visiting scholar at the Center for Middle Eastern Studies at UC-Berkeley. She collaborated with Human Development Resource Foundation in Istanbul for the initial stages of her oral history project with the Syrian refugee women between January and July 2016. She will record further interviews with Syrian women activists in Europe and North America, and work on her book on life stories during her residency at CMES.

2. Tanya Heflin, Indiana U of Pennsylvania [[heflin@iup.edu](mailto:heflin@iup.edu)]

“Photos from Hollandia N.G. 1944”: World War II Combat Nurse Beulah Johns's 'Everyday' Scrapbook Testimony of War and Recovery

“Well, Diary, Restricted no more . . . . Hope you pass the censor to get to Alma for

confidential peeping.” ~Beulah Johns, last lines of her 1942-43 diary

In July 1942, 36-year-old nurse Beulah Johns left her rural Western Pennsylvania hospital to join the ranks of the U.S. Army Nurse Corps, which had enlisted only 1000 nurses prior to 1941 and exploded to 59,000 nurses—almost entirely women crossing national and workplace boundaries—during the war. While in training, Johns wrote a detailed diary of her service, and upon being sent to what she called the “Asiatic Blue Ribbon Campaign” at Hollandia, New Guinea, in 1944, she compiled a rich scrapbook of 85 photographs, 7 sketches, and numerous notes and captions—devising an alternative mixed visual and verbal life-writing document to tell her own story of trauma, healing, testimony, travel, and adventure. Represented among the images that make up this haunting scrapbook are a mix of soldiers suffering acute combat injuries, amputations, and chronic tropical fever conditions. The outdoor medical tent compound is visibly rustic, and the scrapbook is organized largely by ward numbers, indicating a nurse’s working perspective in creating the book. Mixed throughout are images of Johns and her fellow nurses caring for monkeys and stray cats, plus several joyful photos of nurses playing with local children who visited the compound. Johns’s notations and careful photographic selections tell volumes about nurses’ and patients’ experiences of war in the Pacific theater, and they simultaneously bear witness to the steely perspective that she shared with 59,000 other combat nurses, lending significant insight into the working lives of a new class of enlisted women that was created through the experience of World War II. My archival discovery of this unknown diary occurred as part of a small grant I received to study and develop an online archive repository for women’s “everyday” diary drawn from little-studied archives, and in this essay, I read this never before studied volume of alternative life-writing through a feminist New Historicist lens in order to illustrate the crossing of intersecting borders of nation, gender, genre, work-life, testimony, and archival process.

“Fotos de Hollandia N.G. 1944”: álbum “diário” de Beulah Johns, enfermeira de combate da Segunda Guerra Mundial: testemunho de guerra e recuperação

“Bem, Diário, não mais restrito... espero que você passe pela censura e chegue a Alma para espionagem confidencial.” — Beulah Johns, últimas linhas de seu diário de 1942-43

Em julho de 1942, a enfermeira Beulah Johns, de 36 anos, deixou seu hospital rural da Pensilvânia Ocidental para se juntar às fileiras do Corpo de Enfermeiros do Exército dos E.U.A., que alistou apenas 1.000 enfermeiras antes de 1941 e explodiu para 59.000 enfermeiras — um grupo quase inteiramente de mulheres, atravessando fronteiras nacionais e de trabalho — durante a guerra. Enquanto estava em treinamento, Johns escreveu um diário detalhado de seu serviço e, ao ser enviada para o que ela chamou de “Campanha Asiática da Fita Azul” em Hollandia, Nova Guiné, em 1944, ela compilou um rico álbum de 85 fotografias, 7 esboços, numerosas notas e legendas — inventando um documento biográfico alternativo que envolve linguagem visual e verbal para contar sua própria história de trauma, cura, testemunho, viagens e aventura. Representada entre as imagens que compõem este álbum assombroso está uma mistura de soldados que sofreram lesões agudas em combate, amputações e condições de febre tropical crônica. O complexo da tenda médica ao ar livre é visivelmente rústico, e o álbum é organizado em grande parte por números de ala, indicando a perspectiva de trabalho de uma enfermeira na

criação do livro. Misturadas ao longo do livro estão imagens de Johns e suas companheiras enfermeiras cuidando de macacos e gatos de rua, além de várias fotos alegres de enfermeiras brincando com as crianças locais que visitaram o complexo. As notas e seleções fotográficas cuidadosas de Johns dizem muito sobre experiências de enfermeiros e pacientes de guerra no drama do Pacífico, e simultaneamente testemunham a perspectiva ferrenha que ela compartilhou com 59.000 outros enfermeiros de combate, contribuindo com um insight significativo na vida de trabalho de uma nova classe de mulheres alistadas que foi criada com a experiência da Segunda Guerra Mundial. Minha descoberta arquivística deste diário desconhecido ocorreu como parte de um pequeno subsídio que recebi para estudar e desenvolver um repositório de arquivos on-line para o diário "cotidiano" de mulheres extraído de arquivos pouco estudados. Neste ensaio, faço uma leitura deste volume nunca antes estudado de escrita da vida alternativa através de lentes feministas neo-historicistas, a fim de ilustrar o cruzamento de fronteiras de nação, gênero discursivo, identidade de gênero, vida profissional, testemunho e processo arquivístico.

[Traduzido por Jarson Araújo - [jarsondsantos@gmail.com](mailto:jarsondsantos@gmail.com)]

Tanya Heflin teaches American and women's literature in the Doctoral Program in Literature and Criticism at Indiana University of Pennsylvania. She is the author of the article "Some Job!: The Private Diary of World War II Combat Nurse Beulah Johns" in a forthcoming special issue of *Women's History* that features innovative usages for documents of women's history (Summer 2017) and the recipient of a PASSHE grant to develop the "Women's Diary Digital Archive." In this essay she focuses narrowly on John's 1944 companion scrapbook, *Photos from Hollandia N.G. 1944*, a text that has never before been examined critically. Drawing from Marlene Kadar's research into tracing self-representations from "unlikely" autobiographical sites, Dr. Heflin's work on Johns's private "everyday" photographic scrapbook also eagerly anticipates Dr. Kadar's forthcoming project examining the professional photography of World War II women photojournalists.

3. Mark Celinscak, U of Nebraska, Omaha [[mcelinscak@unomaha.edu](mailto:mcelinscak@unomaha.edu)]

One Things Leads to Another: Archive, Fragment, Trace

For decades it was argued that Canada had no connection to the Holocaust. However, by the end of the war hundreds of Canadians had assisted at the Bergen-Belsen concentration camp and hundreds more encountered it through informal visits and authorized tours. For many Canadians it became their defining moment of the war. And yet, their stories had been ignored or relegated to a mere footnote in history books. I will make connections between Marlene Kadar's scholarship on the archive, fragment and trace and my own recently published *Distance from the Belsen Heap: Allied Forces and the Liberation of a Nazi Concentration Camp* (2015). Borrowing ideas from a presentation Marlene and I worked on years ago, I will give credence to three methodological concepts: one thing leads to another; keep the nose to the grindstone; and what goes around comes around.

Uma coisa leva a outra: arquivo, fragmento, traço

Por décadas foi discutido que o Canadá não possuía nenhuma conexão com o Holocausto. Contudo, ao final da guerra, centenas de canadenses haviam oferecido assistência no campo de concentração Bergen-Belsen e centenas mais o encontraram através de visitas informais e rondas autorizadas. Para muitos canadenses se tornou o momento definitivo da guerra. Entretanto suas histórias foram ignoradas ou reduzidas a notas de rodapé em livros de história. Eu farei conexões entre o estudo de Marlene Kadar sobre o arquivo, fragmento e traço e o meu recém-publicado ‘Distance from the Belsen Heap: Allied Forces and the Liberation of a Nazi Concentration Camp’ [Distância do amontoado de Belsen: forças aliadas e a liberação de um campo de concentração nazista, em tradução livre] (2015). Pegando emprestadas ideias de uma apresentação em que Marlene e eu trabalhamos anos atrás, eu darei crédito a três conceitos metodológicos: uma coisa leva a outra; dê duro; e tudo que vai volta.

[Traduzido por Vitor de Aguiar Soares - [vitoraguiarsoares@gmail.com](mailto:vitoraguiarsoares@gmail.com)]

Dr. Celinscak is a historian of twentieth century Britain and Europe, specializing in war, Holocaust and genocide studies. He is the author of *Distance from the Belsen Heap: Allied Forces and the Liberation of a Nazi Concentration Camp*, a work which re-examines the surrender and relief of the Bergen-Belsen concentration camp in northwest Germany at the end of the Second World War. His award-winning book explores how military personnel struggled with the intense experience of liberation, how they attempted to describe what they had seen, heard, and felt to those back home, and how their lives were ultimately transformed by the encounter.

His primary area of research is the Second World War and its impact on the twentieth century. He is particularly interested in the relationship between war and culture. His latest project focuses on the process of denazification in postwar Germany. He recently collaborated on an exhibition at the Vancouver Holocaust Education Centre.

Before joining UNO in 2016, Dr. Celinscak was a Pearl Resnick Postdoctoral Fellow at the United States Holocaust Memorial Museum. He has been a Fellow at the Holocaust Educational Foundation of Northwestern University and participated in the Jack and Anita Hess Faculty Seminar at the Center for Advanced Holocaust Studies in Washington. In addition, he worked on the Azrieli Foundation Holocaust Survivor Memoirs Program, interviewing survivors and editing their manuscripts. For the last several years he taught at Trent University in Peterborough, Ontario.

4. M. Mary Khan, York U [[mustang@yorku.ca](mailto:mustang@yorku.ca)]

Poetry in Life Writing: The All We Can Know

“To write poetry after Auschwitz is all we can know.” -Marlene Kadar

Marlene Kadar’s “Barbaric Poem” begins with a declaration from German philosopher and composer Theodore Adorno: “To write poetry after Auschwitz is barbaric.” These words are italicized and footnoted; they are demanding to be responded to. These words are from 1949. Five years have past since the war. And yet poetry is still barbaric. Why? Is poetry meant to stand for beau-ty? Is a particular memory still too close for passing thoughts of wonder? For

passages of sound, rhythm, and melody? Poetry's language is marked by its gaps in time; words are continually re-moved and placed elsewhere. We are left with choices to make: which words should we keep or discard? Which memories? When we examine the archive and archival lives, we are desperately trying to fill in gaps of time. When we put fragments of diaries, letters, notebooks, and inter-views together, our research is akin to writing poetry. We are stringing the threads of a story that we only know the beginning of or ending to. We yearn for coherence in our narratives, we yearn for balance. When we account for lives lost or stolen, we are tipping the scales of histories lost or stolen. Poetry is a way of filling in gaps of time; the gaps in our research; the missing voices. Po-etry can speak for the lives we cannot account for, for the stories we are unable to tell.

The only way we can know

barbed wire

is when we see it flash in the sunlight in idyllic meadows.

The only way we can know

the ardor of the lost child's fever

is when we can wipe the wet forehead.

The only way we can address a stolen daughter's family

is by reading about the story you made up

about her based on facts based on memories now found.

My paper will foreground Marlene Kadar's "Barbaric Poem" (2004) as a way of acknowledging the possibilities of poetry in life writing and feminist studies, particularly in relation to interrogat-ing histories of trauma. My arguments will be informed by Ann Cvetkovich's (2003) theories on the archive of feelings and the quest to understand trauma and survival as a psychic need. Kadar is clearly expressing a psychic need for poetics in her poem, and my immediate, affective re-sponse is to trace this desire back to the archive and archival research; the functions and limita-tions of each.

Poesia na escrita da vida: tudo o que podemos saber

Escrever poesia depois de Auschwitz é tudo o que podemos saber. — Marlene Kadar

O "Poema Bárbaro" de Marlene Kadar começa com uma declaração do filósofo e comediante alemão Theodor Adorno: "Escrever poesia depois de Auschwitz é bárbaro". Estas palavras estão em itálico e em nota de rodapé, estão exigindo uma resposta. Estas palavras são de 1949. Cinco

anos se passaram desde a guerra. No entanto, a poesia ainda é bárbara. Por quê? A poesia se destina a representar a beleza? Uma memória particular ainda está muito próxima para transmitir pensamentos de admiração? Para transmitir som, ritmo e melodia? A linguagem da poesia é marcada por seus intervalos no tempo, palavras são continuamente removidas e colocadas em outro lugar. Somos deixados com escolhas a fazer: que palavras devemos manter ou rejeitar? Quais lembranças? Quando examinamos os arquivos e as vidas dos arquivos, estamos tentando desesperadamente preencher as lacunas de tempo. Quando colocamos fragmentos de diários, cartas, cadernos e entrevistas juntos, nossa pesquisa é semelhante à escrita da poesia. Estamos tecendo os fios de uma história que só conhecemos no início ou no final. Ansiamos por coerência em nossas narrativas, ansiamos pelo equilíbrio. Quando contabilizamos vidas perdidas ou roubadas, estamos inclinando a balança de histórias perdidas ou roubadas. A poesia é uma maneira de preencher as lacunas de tempo, as lacunas em nossa pesquisa, as vozes em falta. A poesia pode falar pelas vidas que não podemos explicar, pelas histórias que somos incapazes de contar.

A única maneira de conhecermos

arame farpado

é quando vemos seu reflexo sob a luz do Sol em campos idílicos.

A única maneira de conhecermos

o ardor de febre da criança perdida

é quando podemos limpar a testa molhada.

A única maneira de falarmos à família de uma filha roubada

é lendo sobre a história que você inventou

sobre ela baseado em fatos e memórias agora encontradas.

O meu artigo colocará em primeiro plano o "Poema Bárbaro" de Marlene Kadar (2004) como uma forma de reconhecer as possibilidades da poesia na biografia e nos estudos feministas, particularmente no que se refere ao exame de histórias de trauma. Meus argumentos serão orientados pelas teorias de Ann Cvetkovich (2003) sobre o arquivo dos sentimentos e a busca para entender o trauma e a sobrevivência como uma necessidade psíquica. Kadar está claramente expressando uma necessidade psíquica de poética em seu poema, e minha resposta afetiva imediata é rastrear esse desejo de volta ao arquivo e à pesquisa arquivística, às funções e às limitações de cada um.

IABAA 2017

[Traduzido por Jarson Araújo - [jarsondsantos@gmail.com](mailto:jarsondsantos@gmail.com)]

Mary is a life writing scholar and draughtswoman. Her areas of focus are poetry, nostalgia, second wave feminism, and the archives of jazz. She enjoys time travel on a daily basis: 1870s to 1940s when drawing, 1950s and 1960s when listening to jazz, 1970s and 1980s when writing on feminist poetry.